

A interação entre Gênero, sexualidade e cor/raça em meio as dinâmicas da prostituição feminina em São Luis, Maranhão *

Tatiana Raquel Reis Silva **

Resumo:

O universo da prostituição feminina em São Luis é constituído em sua maioria por mulheres negras de condições socioeconômicas menos privilegiadas, o que muito tem contribuído para melhor entendermos como a conjunção entre sexismo e racismo se apresenta nesse tipo de atividade. Assim, este trabalho pretende dar conta das dinâmicas da prostituição feminina, nas áreas centrais da cidade, a partir da interação entre gênero, sexualidade e cor/raça, sabendo que tais dinâmicas são permeadas por elementos como violência, prazer, sonhos e fantasias.

Palavras-chave: Gênero, sexualidade e cor/raça

A temática aqui estudada se refere às dinâmicas da prostituição feminina nas áreas centrais da cidade de São Luis, Maranhão. Analisaremos os dois principais pontos de concentração dessa atividade, a região do Oscar Frota, local de concentração de bares e que se destacar pelo grande contingente de mulheres, e a área conhecida como Reviver, que se apresenta como um espaço de significativa movimentação turística na cidade.

Vale destacar que trabalhamos com mulheres, em sua maioria negras, com baixa escolaridade que estão excluídas de toda e qualquer forma de benefício social. Assim para melhor entendermos as dinâmicas da prostituição feminina em São Luis, a nossa análise se dá a partir da interação entre gênero, sexualidade e cor/raça. As mulheres, de uma forma geral, tem sido objeto de preconceito e marginalização, mas como muito bem assinala Gebara (2000) quando se trata de mulheres negras esse preconceito e marginalização tem aumentado.

No entanto, encontramos um campo ainda mais estigmatizado, quando nos referimos a mulheres negras prostitutas. De fato, os estereótipos construídos sobre a prostituta se relacionam aos estereótipos em torno da mulher e da mulher negra, e precisam ser entendidos

* Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho em Porto Seguro, Bahia – Brasil.

** Mestranda do Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia.

nessa intersecção de imagens (mulher – negra – prostituta). Assim, acreditamos que trabalhos que pesquisam e analisam processos de construção de estereótipos e imagens que, muitas vezes, acabam por determinar práticas sociais e comportamentais são importantes.

Trabalhar com a prostituição feminina não se constitui uma tarefa das mais fáceis, já que é uma atividade povoada por representações e estigmas que distorcem o exercício diário dessa profissão. Atualmente, são poucos os trabalhos que buscam focalizar a prostituição feminina e muitos terminam sendo veículos de expressão e fortalecimento da visão estereotipada que comumente circula sobre a categoria “prostituta”.

Neste estudo buscamos apreender estes sujeitos, a partir de sua própria condição de existência, analisando questões que perpassam as condições de vida dessas mulheres. Este trabalho pretende ir além da visão que relaciona, de modo simplificado, as dinâmicas de prostituição à pobreza, pois, as prostitutas vivenciam experiências complexas, em que sonhos, fantasias, amores e desamores também constituem a teia de suas experiências cotidianas.

Teorizando Gênero, sexualidade e cor/raça

Os significados compartilhados das categorias raciais e sexuais de gênero apontam para as histórias modernas das opressões coloniais, racistas e sexuais entrelaçadas nos sistemas de produção e inscrição do corpo e seus conseqüentes discursos libertários e de oposição (HARAWAY 2004). Nesse sentido, as noções de gênero, sexualidade e cor/raça tem sido utilizadas de maneiras diversas para classificar, ordenar hierarquicamente, indivíduos e grupos socialmente desqualificados.

A partir da interação desses elementos podemos perceber como se deu o processo de construção de estereótipos em torno da sexualidade da mulher negra, o que muito corroborou para uma visão da mulher negra como prostituta, dotada de um desejo sexual exacerbado. Em pesquisas anteriores foi possível perceber como essa construção discursiva em torno do corpo da mulher negra, serviu para uma certa valorização no mercado erótico-sexual, mulheres prostitutas comumente são vistas como eróticas ou não, dependendo de sua tez, da cor da sua pele¹.

No que concerne às relações inter-raciais exclusivamente no mercado erótico, Moraes acrescenta: “[...] acredito ser mais expressivo considerarmos que tanto para negros quanto para brancos deve prevalecer uma ‘garantia de mudança de hábitos e desracialização’ e estas emanam

¹ Ver Silva (2006).

do ritual que envolve as relações sexuais” (MORAES, 1995, p. 62). É como se o contato corporal e a integração física e simbólica presentes nas relações sexuais suscitasse uma curiosidade especial com relação ao outro que marca as diferenças. Partindo dessa matriz, estariam se moldando as fantasias e mitos eróticos que cercam as preferências inter-raciais apresentadas pelas prostitutas e seus clientes.

No entanto, tal valorização não passa para o mercado de casamentos, pois de acordo com estatísticas realizadas por demógrafos e sociólogos, existe um percentual relativamente baixo de casamentos “inter-raciais” entre brancos e negros. Um aparente paradoxo parece emergir do cruzamento dessas informações: no mesmo país que valoriza em diversos âmbitos a mestiçagem e a mistura, parece existir um tabu referente aos casamentos “inter-raciais”. Em um nível, o desejo e o sexo são almejavéis, em outro, ao menos no casamento, aparecem como indesejavéis. (MOUTINHO, 2004)²

Fanon (1983), ao analisar casamentos e relações sexuais entre negros e brancos, nota que para o cônjuge de cor, há uma espécie de confirmação subjetiva da eliminação em si do preconceito de cor, o qual tanto sofreu. De acordo com Moraes (1995), esta eliminação subjetiva da condição de inferioridade é apenas uma das características das relações “inter-raciais” e que cabe muito adequadamente quando estas se dão através da instituição casamento, já que ela destaca outros componentes como *status*, níveis de hierarquia, dentre outros.

Além das representações de selvagens sexuais e prostitutas, existe também o estereótipo da “mãe preta”. Nesse caso, a construção da mulher negra se dá como mãe, “peito”, que amamenta e sustenta a vida dos outros. Lélia Gonzalez (1982) nos informa que os estereótipos em torno da mulher negra se dão a partir de três categorias: mulata, prostituta e “mãe preta”, uma conjunção de imagens que acabam por resumir a mulher negra a um corpo.

A relativa importância às questões relacionadas a mulher negra no Brasil, se deu a partir da experiência política e acadêmica das feministas negras, que se destacou nos anos oitenta, e que possibilitou a análise de como os discursos universalizantes influenciaram a maioria dos estudos sobre as mulheres brasileiras. Várias feministas negras mostraram que a falta de atenção à relação entre gênero, classe e raça reforçou o status de subalternidade das mulheres negras.

Hooks (1995), assinala que tanto o racismo quanto o sexismo, perpetuam uma iconografia de representação da mulher negra que imprime na consciência cultural coletiva a

² Uma vez que destacamos a autodeterminação das próprias mulheres, aceitando que negro e branco representam duas posições polares do contínuo da cor e que categorias como mulata, morena e parda são posições intermediárias, com mediações múltiplas e multifacetadas entre as duas polaridades raciais, estaremos dialogando com trabalhos como os de Maggie e Melo (1988), Pacheco (1986) e Moraes (1995).

idéia de que ela está nesse planeta apenas para servir aos outros. Assim, desde o contexto da escravidão, o corpo da mulher negra tem sido visto como símbolo de uma essência feminina “natural”, próxima da natureza, com características animais e primitivas.³

Mais do que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo sem mente”. Para justificar a exploração masculina e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca produziu uma iconografia de corpos que insistia em representar a mulher negra como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as mulheres negras são encaradas em nossa sociedade (HOOKS, 1995).

Gênero, sexualidade e cor em meio as dinâmicas da prostituição feminina.

Os pontos de prostituição feminina que serão analisados nesse trabalho correspondem aos que estão localizados nas áreas centrais da cidade de São Luis, especialmente o Centro Histórico da Cidade, que compreende a Praia Grande e o Desterro. Vale ressaltar que durante os anos 50, 60 e início dos anos 70, o centro de São Luis foi palco de uma intensa movimentação da prostituição feminina, a ZBM (Zona do Baixo Meretrício), área segregada, que concentrou um grande número de pensões, casas de cômodos e cabarés, especialmente nas Ruas da Palma e 28 de Julho.

No bairro da Praia Grande as atividades econômicas se destacam através do turismo e do comércio informal, a área também é conhecida por concentrar boa parte da vida boêmia da cidade, com barzinhos e shows popular. Não obstante, o Desterro se destaca com quatro atividades econômicas, que aglomeram o maior número de estabelecimentos em torno de sua atividade fundamental: a pesca, a prostituição, a atividade gráfica e o comércio automobilístico⁴.

ATIVIDADE	COMERCIO	SERVIÇOS	INSTITUIÇÕES	TOTAL
Pesca	14	04	02	20
Prostituição	12	08	01	21
Gráfica	01	15	00	16
Automobilístico	04	04	00	08

³ Ver também Barrera (1996)

⁴ Dados cedidos pela Prefeitura Municipal de São Luis.

É possível perceber, de acordo com esses dados, que a prostituição ocupa um lugar de destaque dentre as principais atividades econômicas do Desterro. Na região do Oscar Frota, podemos destacar os depósitos de bebidas, bares, restaurantes, pousadas e pensões, como as principais fontes de renda das pessoas que trabalham nessa área. As mulheres inseridas na prostituição contam ainda com uma Instituição a APROSMA (Associação das Profissionais do Sexo do Maranhão).

No bairro da Praia Grande temos os seguintes pontos de prostituição: Reviver, a Praça Benedito Leite e a Avenida Beira-Mar. No Desterro, temos o Oscar Frota, Inferninho ou Infernight, Praça do Pescador e Rua da Saúde. Nessas áreas nós podemos destacar tanto o Oscar Frota quanto o Reviver como os dois principais locais com o maior número de mulheres inseridas na prostituição em São Luis. O Reviver se sobressai por ser um local de significativa movimentação turística da cidade, nessa área a prostituição ocorre, em sua maioria, com turistas.

O Oscar Frota se destaca por ser uma área com grande concentração de bares por onde circulam mulheres envolvidas na prostituição. São aproximadamente 8 bares, todos sob a responsabilidade de mulheres, algumas já atuaram na prostituição. Os bares possuem quartos que são alugados, temporariamente, para as prostitutas e seus clientes. Em geral, é o cliente que paga o quarto. O movimento começa a partir das 16 horas.

De acordo com alguns depoimentos, a concentração da prostituição feminina nesse local pode ser atribuída ao fato de ali ter se tornado um local rentável para o desempenho da atividade. É uma área próxima ao centro comercial da cidade, onde se concentra um grande número de trabalhadores informais, como vendedores ambulantes, sapateiros, engraxates, pescadores, dentre outros. O local é conhecido pelo nome de um antigo proprietário de uma grande loja de materiais de construção, em que parte da área onde funcionavam depósitos, atualmente abriga pequenos bares.

No Oscar Frota ocorre a chamada “prostituição de baixo nível”, ou prostituição em “zona confinada” no que se refere ao nível socioeconômico da clientela e da localidade, ao refinamento do ambiente, entre outros aspectos. O preço do programa varia entre 20 e 30 reais, embora, isso venha depender das práticas sexuais exigidas em cada programa. No Reviver, ao contrário, as dinâmicas da prostituição acontecem em um ambiente informal, e o preço do programa é mais caro, não apenas pela clientela, mas também por ser um local de grande circulação de turistas.

O universo da prostituição feminina em São Luis é constituído, em sua maioria por mulheres negras, em nossas análises privilegiamos a autodenominação das mulheres. Ao

aplicamos um questionário com perguntas abertas, dentre as quais uma que dizia respeito à “cor”, verificamos a variação cromática, que vai das mais claras à mais escura, dentre as mais destacadas temos:

Cor	Morena/Morena Clara/Mulata	Negra/Preta	Parda/Branca	Não Responderam
Quantidade	39	8	12	4

Foi possível perceber, a partir das narrativas de mulheres inseridas na prostituição, que as categorias “morenas” e “mulatas” remetem a uma construção da sexualidade na qual a “cor” recebe uma carga erótica intensa. É como se essas mulheres internalizassem essa terminologia, a partir da necessidade de se apresentarem como “mais” eróticas, gostosas e quentes. De fato, alegria, sensualidade, afetuosidade, submissão, enorme disposição para o sexo e uma certa passividade caracterizam as “morenas brasileiras”, delineando uma feminilidade particular (PISCITELLI, 1996).

No que diz respeito a atuação profissional, muitas mulheres afirmam que a prostituição é um trabalho, mas percebem que têm que esconder o exercício dessa atividade para evitarem os preconceitos e os estigmas historicamente construídos em torno do exercício da prostituição. Em alguns casos, possuem uma vida dupla e a família não sabe da sua atuação. Em outros, esta acaba sendo uma prática “aceita”, pois se constitui como uma forma de complementação da renda familiar. É notável, em suas falas, a preocupação com a família em especial com os filhos.

É possível perceber que muitas destas mulheres sofrem com o conflito interno sobre a atividade que desenvolvem. De acordo com Moraes (1995), é preciso destacar como marco a idéia de que, para elas, o espaço da família é identificado à moralidade. Isto se manifesta como forma de assumirem mais de uma de suas posições defensivas diante do estigma. Como esta concepção de família tem um grande valor, a assunção de um tipo de trabalho que envolve sexo se torna ainda mais conflitiva neste espaço de identificação. Muitas vezes, a expressão de oposição uma dentro x outra fora pode ser definida como um mecanismo de autopreservação, acionado para esclarecer que separam a imagem da puta da imagem da mulher de família.

Na maioria dos casos o dinheiro aparece como “premente” para a entrega do corpo e a satisfação do prazer. No entanto, não é somente o fator econômico que as impulsionam para iniciarem na prostituição, outros valores são destacados como a necessidade de uma maior

liberdade, a possibilidade de maiores ganhos sem tanta pressão dos patrões, o direito ao prazer, dentre outros. O prazer aparece como aspecto antitético à violência, mas que não raro se manifesta numa mesma relação prostituta-cliente.

Podemos destacar que diversas formas de violência permeiam o cotidiano dessas mulheres. Isso nem sempre se manifesta de forma clara, ou seja, nem sempre é uma violência visivelmente notada, muitas vezes fica restrita ao plano simbólico. Algumas prostitutas acabam por não perceber esse tipo de violência. Quando se fala em violência, a maioria se remete aos atos de agressões físicas. Isto se explica ao fato de que, a violência que se expressa em gestos, palavras, modos de tratamento, geralmente, se apresenta como aquela que não machuca o corpo e que parece ter um menor impacto.

A violência tem sido utilizada como um mecanismo de dominação, muito especialmente nas relações de gênero. Os homens a utilizam como forma de subjugar a mulher colocando-a numa posição de submissão. A construção dessas desigualdades tem vários eixos de constituição, mas um elemento fundamental é a formulação discursiva de significados que pautavam-se em diferenças anátomo-biológicas, ou seja, nas diferenças sexuais, nas quais, a mulher é associada à passividade e à inferioridade, em oposição aos atributos de presença ativa e de superioridade, considerados exclusivamente masculinos.

Isso demonstra como os papéis, historicamente atribuídos a homens e mulheres, têm favorecido relações baseadas em discriminações, geradoras de violência. E, no caso da prostituta, isso é observável nos estigmas que cercam esta categoria, uma vez que esta representa a desorganização dos padrões de conduta sexual admitido para uma mulher-assexuada, que segundo o modelo ideal deveria ser casta, resguardando-se ao marido. No discurso médico-higienista a prostituta é representada como mulher de “vida fácil”, sem moral e conduta, entregue aos prazeres da vida mundana⁵. Esse conjunto de imagens formuladas em torno das mulheres que exercem a prostituição leva à discriminação e à exclusão social, bem como tem favorecido e possibilitado diversas manifestações de violência. E no caso de mulheres negras, à violência de gênero se soma a violência racial.

Foi possível constatar casos de agressões físicas que são recorrentes ao não pagamento dos serviços sexuais prestados. Assim como de homens que mantêm relações frequentes com determinadas mulheres e quando as encontram com outro, reagem de forma

⁵ Margareth Rago (1985), ao analisar o discurso médico como formulador de um modelo normativo de feminilidade, demonstra como o retrato da mulher pública é construído em oposição ao da mulher honesta, casada e boa mãe, laboriosa, fiel e dissexualizada. A prostituta construída pelo discurso médico simboliza a negação dos valores dominantes.

violenta. Desse modo, acreditamos que a relação que essas mulheres estabelecem com esses homens, ultrapassa a lógica do que se pensa acerca da relação cliente-prostituta, de uma simples troca de prazer por dinheiro. Percebe-se que esse homem não somente paga pelo prazer, mas por uma certa “exclusividade”. Por um lado, isso denota a um sentimento de posse, por outro, a uma relação que ultrapassa a questão econômica e se instaura num âmbito mais afetivo.

Em alguns casos, o cliente aparece como a figura do “provedor”, por ser ele que paga, que sustenta essa mulher, e por isso responder de forma violenta ao encontrá-la com outro. Muitos se utilizam disso para legitimarem a violência contra a prostituta. Nesse sentido, percebemos que acaba sendo transferida para a dinâmica da prostituição a relação que se estabelece no âmbito da família, onde o homem é o provedor, o que sustenta a casa, e que em alguns casos de violência conjugal, se utiliza disso para justificar a violência contra a mulher. Essas questões perpassam pelo ideal de masculinidade e feminilidade, o homem se justifica por atitudes grosseiras e a mulher pela passividade.

De acordo com a atual presidente da APROSMA, a questão da violência no âmbito da prostituição se constitui como um dos principais desafios enfrentado pela Associação. Ela revela que muitas mulheres têm recorrido à Delegacia da Mulher, mas não recebem a assistência adequada. Este não aparece como um local onde essas mulheres sentem-se à vontade para reivindicar os seus direitos. Em muitos casos, nem chegam a denunciar, devido às ameaças do cliente agressor, preferindo continuar na situação de sujeição.

Saffioti (1994), destaca que as policiais, como os demais profissionais brasileiros, não têm nenhuma formação no domínio das relações de gênero. Muitas delegadas são partidárias da prática consagrada pelos homens da polícia, antes de serem mulheres. “A falocracia admite, conforme a força das pressões sociais e/ou as recompensas eleitorais, políticas públicas de promoção da mulher. Tais políticas, todavia, são segmentarias e descontínuas”. (SAFFIOTI, 1994, p.176)

Vale destacar que o movimento associativo das prostitutas, surgiu a partir dos anos 1970 e 1980, quando profissionais do sexo de diversos países iniciaram o processo de organização por conta das dificuldades, das estigmatizações, assédio e abuso policial, maus tratos e violência. No Brasil, a mobilização vem se dando por conta da violência policial que elas vêm sofrendo. A criação da Rede Nacional de Profissionais do Sexo (RNPS), que congrega as Associações em todo o país, tem como objetivo mobilizar essas mulheres para a reforma de leis que se referem ao exercício da profissão, a luta contra a violência, a reivindicação pela integração

das profissionais do sexo em programas específicos de atenção à saúde, a promoção da cidadania e de trabalho com auto-estima.

No Maranhão a APROSMA, com 4 anos de existência, tem o intuito de trabalhar a cidadania, a saúde, o direito ao prazer, a auto-estima, a conscientização quanto ao uso de preservativos e a **profissionalização no que diz respeito à prostituição ou a outra forma de trabalho profissional**, proporcionado as mulheres inseridas na prostituição outras oportunidades de remuneração ou de complementação da renda familiar.

No ano de 2005 a Associação contava com aproximadamente 604 associadas que atuavam nos diversos pontos de prostituição feminina, onde podemos destacar: São Cristóvão (46 mulheres), Projeto Reviver (27 mulheres), João Paulo (76 mulheres), Posto Magnólia (38 mulheres), Avenida Guajajaras (58 mulheres), Vila Luisão (36 mulheres), Rua da Saúde (17 mulheres), Praça do Pescador ou Inferninho (18 mulheres), Cidade Operária (48 mulheres), Porto do Itaqui (46 mulheres) e Oscar Frota (194 mulheres)⁶. Atualmente, de acordo com os últimos dados, a Associação atende cerca de 1200 mulheres inseridas na prostituição.

Em parceria com as Coordenações Estadual e Municipal de Saúde a Instituição, desenvolve Projetos, oferece distribuição de preservativos e visitas aos diversos pontos de prostituição feminina da cidade com palestras sobre educação sexual. Em parceria com o SEBRAE oferece cursos de corte-costura, cabeleireiro e culinária. No entanto, ao serem questionadas se conheciam a APROSMA e no que ela poderia melhorar, muitas mulheres demonstraram-se insatisfeitas com o trabalho da Associação.

Sim. Muito mal feito. O atendimento não é bom. A sede não é apropriada, são poucas camisinhas durante o mês, falta gel lubrificante. Lutar pela dignidade das profissionais e pelos direitos que temos. Provavelmente, até hoje falam em uma vida digna e isso nunca sai do papel. Somos mal vistas pela sociedade e até pelas autoridades. Sou testemunha disso. Obrigada! (escrito por uma das entrevistadas)

A partir da narrativa de algumas mulheres, foi possível perceber a falta de consenso sobre o trabalho desenvolvido pela APROSMA. Algumas mulheres desconhecem o trabalho desenvolvido pela Associação, que quase sempre é lembrada pela entrega de preservativos. No entanto, não podemos deixar de reconhecer a importância dessas instituições na busca por uma sociedade mais democrática, na medida em que politizam sua base com a realização de seminários e eventos que discutem os problemas mais relevantes no combate a discriminação e ao preconceito.

⁶ Dados do processo de mapeamento realizado pela APROSMA em 2005.

Nos cursos que são oferecidos pela Associação é reduzida a participação de mulheres inseridas na prostituição. Assim, quase sempre as vagas são abertas para a comunidade vizinha a antiga sede da Associação. O mesmo é verificado nos eventos que são organizados pela instituição. De acordo, com a atual presidente, muitas mulheres não participam das ações desenvolvidas pela Associação, uma vez que elas demonstram maior interesse na distribuição de preservativos.

Essas questões muito têm dificultado o fortalecimento do movimento bem como inviabilizado a assunção da identidade de prostituta. A regulamentação da prostituição como profissão se coloca como um problema complexo, no que diz respeito à aceitação, tanto entre as mulheres inseridas nessa atividade, quanto à sociedade em geral. As organizações que defendem os interesses dessa categoria não podem pensar o reconhecimento apenas a nível institucional, mas levar em consideração a realidade e o posicionamento das prostitutas em seus locais específicos de trabalho.

A falta de consenso no que tange a regulamentação da prostituição como profissão, se dá em função das prostitutas não “criarem”, de acordo com algumas representantes, consciência de uma prática profissional, e daí a necessidade de “saírem dessa vida e encontrar um trabalho digno”. Essa falta de consciência profissional, é bem visível entre as mulheres inseridas na prostituição, sobretudo, entre aquelas que vivenciam essa prática diariamente, as que estão nos bares, nos cabarés e nas ruas.

Foi possível perceber que muitas mulheres desconhecem seus direitos e até mesmo a existência de movimentos organizacionais da categoria no âmbito local, nacional e internacional. Isso torna muito difícil a consecução de uma lei que regule a prostituição como profissão. Até o trabalho desenvolvido pela APROSMA é desconhecido pela maioria das mulheres inseridas na prostituição feminina no Maranhão.

Considerações finais

A partir da interação entre gênero, sexualidade e cor/raça buscamos analisar as dinâmicas da prostituição feminina nas áreas centrais da cidade de São Luis, Maranhão. De acordo com narrativas de mulheres atualmente inseridas nessa atividade, foi possível perceber a emblemática relação estabelecida entre prostitutas e cliente. Uma relação que extrapola os laços financeiros e se instaura num campo mais complexo, onde elementos como prazer, violência e desejo erótico-sexual permeiam essas relações.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia do mal no feminino. São Paulo: Editora Vozes, 2000.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, nº 22, 2004.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. In: **Revista Estudos Feministas**, vol. 3, 1995.

MORAES, A. F. **Mulheres da Vila**: prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Unesp, 2004.

PACHECO, Moema P. T. **Família e identidade racial**: Os limites da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda. 1986. (Dissertação em Antropologia Social) – Museu Nacional, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: Gênero no Mercado do Sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n 25, jul/dez 2005.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplina - Brasil 1880-1930. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

SAFFIOTI, Heleieth, Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTI, Heleieth; VARGAS, Mônica (Orgs.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1994.

SILVA, Tatiana R. R. **Sexualidade e cor**: dinâmicas da prostituição feminina nas áreas centrais da cidade de São Luís, Maranhão. 25ª reunião Brasileira de Antropologia v. II. Goiânia. 2006.

_____. **Prostituição feminina**: interação entre sexualidade, corpo, cor e desejo. Seminário Fazendo gênero 7. Santa Catarina. 2006. Disponível em http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_51.html

_____. **Prazer e Violência no âmbito da Prostituição Feminina em São Luís**. 2005. 98 f. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2005a.

_____. **Manifestações de violência no âmbito da prostituição feminina em São Luís**. 2005. 57 f. Relatório Final (Trabalho final de pesquisa) – Programa de Bolsas de Iniciação Científica; Pró-

Reitoria de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, Universidade Federal do Maranhão; Conselho Nacional de Pesquisa. São Luís, 2005b.

_____. **Manifestações de violência no âmbito da prostituição feminina em São Luís.** 2005. 45 f. Relatório Semestral (Trabalho de pesquisa) – Programa de Bolsas de Iniciação Científica; Pró-Reitoria de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, Universidade Federal do Maranhão; Conselho Nacional de Pesquisa. São Luís, 2005c.